

# ***TRÊS MOMENTOS DO RIO SÃO FRANCISCO***

## ***primeiro***

### ***Um rio como um pássaro***

Havia um rio.

Havia um rio e em volta dele havia tudo o que há e deve haver ao redor de um rio. E em cima e em baixo, e de um lado e do outro. Por cima do rio havia um céu sem fim. E as nuvens do céu ali estavam, entre o céu e o rio que havia ali. O céu imóvel e as nuvens voantes, avoantes, passageiras. E havia o vento que movia as nuvens e as nuvens e o mover das nuvens era o que fazia ver o vento. Às vezes uma coisa só se vê no rosto de uma outra.

E havia no alto céu o sol do dia. E as nuvens de dia eram brancas e ora eram cinza e ora cinza escuro. E, então, aqui e ali de quando em vez chovia. Mas havia hora em que no céu nenhuma nuvem, nem branca, nem cinza e nem cinzento escuro havia. E o sol brilhava então, soberano, sobre as águas do rio e sobre tudo o que estava ao redor dele.

E o rio que havia era verde, de águas claras, leves e verdes. E o rio era, nos dias de céu-sem-nuvens, como um espelho até onde o sol vinha e o seu rosto via. E então o rio das águas verdes azulava as águas que ele tinha e era um rio de águas azuis, quando no céu da manhã sem nuvens havia só o azul do céu que as águas do rio verde refletiam.

E havia no céu da noite o escuro dela. E havia a lua, quando lua havia no meio da noite escura. E a lua vinha com um rosto diferente a cada noite, entre a lua nova, que nem rosto claro tinha, até a lua cheia, que era uma lua só de luz a noite inteira. Uma lua que de noite a clara luz do sol no seu rosto refletia.

E havia ainda nas noites sem as nuvens e sem o clarão de luz da lua cheia um punhado sem conta e sem limite das estrelas que a noite escura desenhava e coloria. E elas eram tantas que quem começasse a contar estrela na hora do escurecer no começo da noite, e fosse até no começo da manhã, quando a noite acabava de novo em mais um dia, não conseguia contar nem a metade da metade delas. E quem contasse iria demorar ainda mais se fosse com o dedo indicador da mão apontando cada estrela e dando a cada uma um nome. Pois como as pessoas e os rios, e diferente da lua e do sol que têm nomes só deles, as estrelas do céu em noite escura têm nomes de estrelas e de pessoas, e de letras do alfabeto e de coisas do mundo e até de bichos.

E debaixo do céu ora claro, ora escuro, ora quase negro e ora bem azul, e debaixo também das nuvens do céu, brancas, cinzas ou cinza escuro, havia ainda a terra da Terra por onde o rio fluía e viajava. E hora ele ia calmo, ora apressado e às vezes andava e em outras corria.

E havia um menino que toda a tarde vinha até na beira do rio. Não vinha pescar e nem tomar banho nas suas águas claras e verdes. É bem verdade que em outros momentos ele vinha com o seu pai ou com amigos, ora para pescar, ora para mergulhar no rio e viver a alegria de estar-no-rio num dia de sol quente, entre amigos.

Mas nas tardes-quase-indo-embora, o menino gostava de vir sozinho, sem mais ninguém. E gostava de sentar um barranco baixo, bem na beira do rio. E ali ficava por ficar, sem fazer outra coisa além de estar-ali. E quando era uma tarde de céu claro e lua cheia, ele gostava de ficar mais do que nos outros dias, à espera de ver no céu e nas águas do rio o nascer da lua e das estrelas.

E embora ele fosse um menino ainda, foram tantas as vezes em que ele veio da casa do sítio onde ele morava até na mesma beira do rio, que pouco a pouco além dos pequenos ruídos que os rios mansos fazem, quando descem as suas águas “rio abaixo” (menos no tempo das grandes chuvas, quando aquele rio e todos os outros fazem um grande estrondo de águas

escorrendo com pressa e querendo sair de dentro do rio) ele começou a achar que o rio fazia outros ruídos.

E eles eram como vozes. Como uma fala que o menino não entendia ainda, mas que pareciam querer dizer alguma coisa a ele. E assim foi dia depois de dia. Vinha o menino ao rio um tanto antes de o sol começar a ir embora, do outro lado, e ali ficava no seu maior silêncio. E de tudo o que ele ouvia: o farfalhar do vento entre as folhas das árvores, o pio dos muitos pássaros, antes de cada um ir embora para o seu ninho, ou o seu galho, o começo o pipiar dos grilos e outros bichos do mato na beira do rio e do campo, mais ao longe, ele fazia um esforço para ouvir só a voz do passar do rio.

Foi quando uma vez o menino teve a idéia de não ficar no barranco, pertinho, mas no alto do rio, mas de descer até “lá” e colocar os pés descalços dentro das águas claras do rio. E por que não, se em tantas manhãs e tardes quentes ele e seus irmãos, e primos e amigos de perto entravam de corpo inteiro no rio. E mergulhavam do lugar mais alto (mas nem tão alto assim) no lugar mais fundo (mas nem tão fundo assim) do rio de águas claras?

Pois foi. E ele tirou dos pés o par de botinas, descalçou as meias e foi colocando com cuidado os dois pés dentro das águas. E ali o rio passava tão devagar, no mando de um remanso, que nem mesmo parecia um rio, mas um lago longo e estreito (mas nem tão estreito assim). E ele fez assim uma tarde e duas, e três e muitas. Aprendeu a gostar de ouvir o som do viajar do rio e de sentir o lento ir das águas na pele dos seus pés. Era um março e as águas eram menos ligeiras do que em janeiro e menos frias do que em maio.

Um dia ele sentiu, logo que sentou na beira, colocou os pés nas águas do rio e começou a ficar calado e quieto, que aquele haveria de ser um dia diferente. Parou, brincou de fechar os olhos e o esperou o acontecer, ouvindo o coração bater quase como se fosse um rio a correr. E o rio corria manso, mundo abaixo.

Passou um tempo. Passou mais ainda, e o menino com os olhos fechados querendo só ouvir e escutar, sem sentir mais

nada. E pelo quebrar do calor do sol na pele o menino imaginou que já era perto de o sol se pôr entre as montanhas bem longe, do outro lado do rio.

E quando ele já ia começando a pensar em abrir os olhos e tirar os pé de dentro da água e desistir de “tudo aquilo”, ao aconteceu. De dentro... mas de onde? Onde? Uma voz que era baixinha como um sussurro de rio em fim de tarde, e depois foi aumentando, deixou pouco a pouco de ser sussurro de rio manso e foi virando voz de gente. Fala como palavras que a gente escuta e entende. O menino quis ficar assustado. Mas não. Afinal, dias e dias ele tinha vindo ali ouvir cada vez mais os barulhos do mundo e os silêncios do rio. Depois começou a cismar que um dia o rio de suas beiras poderia falar com ele. Falar mesmo, com as muitas letras todas e as palavras formando frases, e as frases inventando idéias, como nas histórias que o pai contava, e o avô narrava melhor ainda, os pássaros, os outros bichos, as plantas e até as pedras, o vento e mesmo os rios falavam com gente como ele.

E ele foi devagarzinho se acalmando e de uma feita só disse pra ele, pro rio e para quem mais quisesse saber: *pronto, eu estou pronto para ouvir e escutar!* E nem bem acabou de dizer isso e já, mais devagar ainda, uma voz que vinha de dentro dele e de dentro do rio, falou assim: *pois então escute e ouça.*

E o menino sentiu na pele do corpo que o sol já havia ido de todo embora e que a noite andava chegando e trazendo junto as poeira sem fim das estrelas – que o rio nos meses em que está manso e verde, mais do que agora, reflete em suas águas como um lago – e mais a lua que a Lua Nova e que no seu fiozinho de quase nada de luz surgiria cedo, antes mesmo de escurecer, do outro lado de onde o sol se apagava atrás dos montes. E ele se fez silêncio e escutava. *Eu sou um rio. Eu sou então tudo o que é um rio. E sendo um sou todos. E sendo todos, sou nenhum.*

*segundo*

## ***Um rio... Opará***

Como um pássaro um rio viaja. Como um pássaro ele voa a sua viagem e vai navegando o seu caminho de águas e da vida-das-águas-do-rio.

O rio navega o seu ir-ao-mar, mas como um pássaro ele voa quando e vê, como quem vai, o mundo que existe por onde ele passa ao navegar. O rio desce as suas águas um dia nascidas numa pequenina fonte de serra-acima, e viaja como quem lembra a casa de onde veio e o caminho onde mora.

Mas um pássaro pausa e repousa quando cansa e um rio só descansa quando acaba. Quando chega ao mar e entrega a ele as águas que trouxe de longe até o mar.

Às vezes de um lado ou de outro das suas duas margens que são para o rio como as beiras de suas duas asas, ele avista, com os olhos de água de um rio, as luzes de lugares por onde passa e o estrondo com que as gentes das cidades por onde ele passa clareiam a noite de suas festas.

É quando elas celebram o passar dos dias de cada semana e as semanas de cada mês e contam as centenas de dias do que chamam “um ano” como ele se fosse um longo, muito longo tempo. Como o rio poderia dizer, numa voz que as pessoas não entendem, que todo aquele tempo é só um pequeno... agora?

Como contar a elas que o que elas sabem, mas depressa esquecem? Como dizer que muito antes do tempo em que chegaram às florestas que vestiam de verdes os caminhos de meu vôo de rio os primeiros homens de outras terras, já então ele, o rio-que-viaja já existia e deslizava as suas águas claras por entre terras cobertas de verdes e vazias de nomes. E aquilo foi quando os primeiros sinais da vida deixavam muitos selos do andar de seres de duas, de quatro, ou de muitas patas em suas areias. E não havia ainda a marca dos pés dos homens.

Mas, muito, muito tempo – tempo de rio, não de homens - foi então quando as águas do rio ouviram vozes, e ele aprendeu sem pressa que um outro povo da vida havia chegado. E aquele foi para o rio, e as florestas, e as fontes de águas, e os bichos que nadavam, andavam e voavam, então um outro tempo.

Vieram de longe os bichos- homens que andavam sem vestes, ou que se cobriam com as vestes de outros bichos. E eles

construíam com madeira e com palhas, com barro e com pedras os lugares onde viviam as suas vidas, viam nascer e acalentavam os filhos e começaram a dar nomes a tudo o que havia.

Entre os tempos das chuvas e os dos ares secos, quantas águas o rio terá levado do sertão ao sal do mar, até quando chegaram a aquelas terras sem nomes e sem palavras, os homens, as mulheres e os seus filhos, gentes de outros povos? Os que deram ao rio um nome que soa como chuva de janeiro na palha das casas: *Opará*?

E Conviveram, o rio e os primeiros homens, muitas eras como quem navega da serra longe ao mar, mais longe ainda, e como quem acolhe quem veio de longe e aprendeu com o tempo a navegar. E os homens de longe flutuaram canoas de madeiras em suas águas e entre as ilhas de seu verde leito viajavam sem medo. Pescavam os seus peixes e os comiam, poucos, à volta de fogos, falando de frutos, de bichos, de crianças e de deuses. Vinham nas manhãs de março os seus filhos e mergulhavam em suas beiras de águas, como quem abre a porta da frente e entra em casa. Aquelas foram longas eras felizes e o rio imaginou que para sempre ele poderia abrigar e acolher os homens como as aves.

Talvez por ser assim, o rio não soube reconhecer como “seres da vida”, ou como os homens e as mulheres que em outras eras ele recebera em suas margens e acolhera com ternura, os seres que chegaram depois e chegaram ali, por onde o rio corria e navegava, e vivia o seu vôo de águas claras. Os que vieram depois chegaram vestidos de roupas diferentes e traziam artefatos de madeira e ferro que faziam grandes estrondos.

E eles calçavam aços e couros com que feriam as areias do rio, acostumadas aos pés nus de rapazes e moças de pela escura e aos seus corpos suaves. Os homens de pele clara e de roupas escuras clara rasgaram caminhos e aprenderam a cercar as terras, a queimar o verde da vida das florestas e a lidar com o grande rio como quem doma um inimigo.

O nome antigo: *Opará*, eles trocaram por este outro: *São Francisco*.

E o rio que nem de nomes precisava, custou a compreender porque lhe chamavas com o nome de um homem de outras terras e de outras falas. Um homem bom, amoroso das plantas e dos bichos, e que se viesse até na beira do rio saberia chamar o rio de “meu irmão. Vieram então os tempos do fogo e do desatino. Grandes barcos ruidosos quebravam a poder de máquinas o silêncio do rio, e o que não cabia em suas casas de ferro, de pedras e de barro, eles atiravam na estrada-casa do rio. Pois um rio é um vôo, um porto e um lar.

E os homens-que-chegaram-depois aprenderam com o tempo a reter as águas do rio. E os sertões por onde ele viajava viraram grandes lagos. Isso enquanto as lagoas das duas margens, que eram os berços de seus muitos peixes, e onde a vida das águas de minha terceira margem gerava as suas crias, começaram a secar como um céu do mês de agosto.

Um rio se ama não se doma. Com ele se convive e não se usa apenas. E isso tudo o rio quis dizer aos novos homens. Mas eles não aprenderam com os homens dos primeiros povos a calar suas vozes diante das águas do rio, e criar o silêncio com que se escuta a sua voz.

Tudo o que nasce num dia deve morrer num outro dia. Uma ave voa e um dia morre e é breve o seu vôo.

Voa um rio um tempo longo de sua viagem quase sem-fim, e o *Opará*, o rio de *São Francisco* imaginava navegar as suas águas e as águas dos rios que chegam até nele e vão com ele ao mar por muitos dias e muitas eras entre sol e chuva ainda.

Mas sobre as suas pedras e areias e debaixo do céu acima dele, o rio sente que se acaba aos poucos, entre cada janeiro de suas águas cheias, e os julhos frios dos seus dias mais secos. E os que agora tratam o rio com a fúria de máquinas pesadas, querem mudar o rio, com o poder de fazer nele o que não é dele.

Todo rio é um sábio, e um grande rio é um grande e velho sábio. Ele Aprendeu com o voar do tempo e o passar dos homens

que quando há menos peixe em suas águas e mais tristeza e fome entre as mulheres e os homens, os avôs e os netos que vivem em suas beiras e vivem de suas águas, não é porque a terras ao redor

do rio e as águas do rio sejam avarentas. Outros povos viveram ao longo e a todos ele o rio ofereceu o caminho e o alimento, como um pai nutre um filho, e um irmão oferece um fruto a um outro irmão. Como dizer aos que chegaram depois, que se agora há fome em suas margens, é porque alguns tomam o que é de todos: a vida do rio, a força e a pureza de suas águas, os seus peixes e a viagem de seu vôo.

Um rio se ama e não se doma, como não se pára um vôo, uma viagem

Vive o rio ainda, e entre os barros e os azuis de seus dias ele espera que venha de novo o tempo em que o verde e o frescor da vida das árvores de mil nomes reviva entre flores, frutas, bichos e homens.

E repovoe de vida e verde os dois lados do caminho por onde ele vai ao mar.

### **terceiro**

## ***SÃO FRANCISCO RIO DA VIDA*** ***cantório, falatório, silenciário e*** ***gestuário*** ***em um ato e uma cena***

*Este cantório é para as muitas gentes que vivem dentro e ao lado do rio São Francisco. Crianças, jovens, gente grande e gente velha e sábia. Gente que pesca, que planta, que colhe, que lava roupa, que navega pelo rio. Gente que aprendeu a amar este rio.*

### ***começo do começo***

Faz muito tempo, muito tempo mesmo. Um tempo quase antes de o próprio tempo existir por aqui, no Planeta Terra.

Foi pouco depois de existir esta nossa casa - a nossa nave cheia de vida em que a Vida viaja pelo universo carregando plantas, bichos e gente como você. Pois foi depois de existirem no aqui no Planeta Terra as plantas, os bichos e nós, os *bichos-homens*, ou os *homens* (e as *mulheres*, claro) ou os *seres humanos*.

Foi então quando, conta-se – mas parece que isto é apenas uma lenda - que os bichos do mundo aprenderam a falar as suas línguas. Línguas de muitos sons e tons diferentes, com que cada espécie de bicho falava uns pros outros e todos pro mundo e a vida.

Línguas de pios e de piados, de cicios e de miados, de uivos, de urros e de zurros, berros, balidos e latidos, de rosnados, de mugidos e de relinchos.

Línguas de cantos sem palavras e até mesmo de gestos sem cantos, como entre os peixes.

E foi assim que faz muito tempo cada espécie de bichos foi aprendendo seus modos de dizer o que cada bicho diz uns para os outros. E os sons que cada mãe-e-pai de bichos foi ensinando aos filhotes, ara eles dizerem as suas línguas, e ouvirem os outros piando ou relinchando o que eles piavam, cantavam, relinchavam ou mugiam.

E entre piar, cantar, uivar, relinchar e mugir, os bichos aprenderam também a ficar calados. A ficar em silêncio e a saber ouvir a voz do fundo das coisas do mundo.

Sim, porque também se pode ouvir o ar cantando no vento. E se pode ouvir mansa, no quase silêncio de um lago, a água que canta enquanto corre entre riachos e rios. E a que troveja com forte fúria quando despenca rio-abaixo no quase-se-m-fundo de uma cachoeira.

Ou o tamborete do canto manso da chuva fina ou mesmo a sinfonia de muitos tons e sons na chuva forte

atroada entre raios e trovões.

E o silêncio que deve ser o maior silêncio, quando é noite do meio do deserto e nem a mais leve brisa move sequer um grão de areia.

E tantos e quantos silêncios e ruídos que os homens sabem e não sabem escutar. E que os bichos do mundo aprenderam a ouvir.

E mesmo quando parece que ninguém está dizendo nada pra alguém, quando parece que de um filhote de arara a uma trovoadas nos céu de chuva, tudo está calado, aí então é que do lado de dentro do silêncio de tudo o segredo da Vida esteja sendo contado sem palavra alguma, a quem queira ouvir.

Veja você o que acontece com uma árvore.

Quando no meio da tempestade com forte ventania, ou quando mesmo sem vento, uma árvore ficou velha e seca, e chegou a hora dela dar o seu lugar a outras que vão nascer, o que é que acontece?

Uma árvore cai com um grande estrondo no meio da floresta.

Os homens ouvem e sabem que uma árvore caiu.

Mas, no meio do dia, no meio da noite, quem é que escuta a floresta crescer? A gente escuta o barulho da tempestade, mas quem escuta a chuva quando ela ainda está voando dentro da nuvem?

E não é difícil ouvir o barulho quando uma grande fruta desprende do seu galho e cai no chão. Mas quem ouve lá dentro o trabalho da planta tingindo de amarelo cor-de-ouro uma fruta que era verde, e tornando doce um fruto que era amargo?

### ***meio do começo***

Quando o bicho-homem (ou “o ser humano”, ou o “homo sapiens sapiens”, como os cientistas chamam a espécie de ser vivo na Terra que somos nós, e que em nossa

língua seria: “homem sábio sábio” apareceu no aqui no Planeta Terra, já quase todos os bichos do mundo viviam nele).

Alguns já até tinham desaparecido. Já haviam ido embora da Terra fazia muito tempo. Como os enormes dinossauros. E parece que tudo por causa daquele meteoro gigantesco que se chocou com ela há mais ou menos setenta milhões de anos atrás. Muito, muito antes mesmo de os primeiros homens aparecerem aqui na Terra.

Mas outros bichos das mais variadas espécies continuavam existindo. Continuavam vivendo, viajando e cantando, como os papagaios, os passarinhos, as onças e as tartarugas.

E então aconteceu.

Aconteceu que no meio da vida deles (os bichos que havia) surgiu um bicho da espécie dos “primatas”. Um ser então não muito diferente dos outros primatas, como os macacos, nossos primos mais próximos, mas com algumas diferenças importantes.

O bicho-homem (ou o homem, ou o ser humano, já sabemos) aprendeu a descer das árvores e a caminhar de pé. Aprendeu a usar as mãos para fazer muitas coisas, do machado de pedras ao computador.

Aprendeu a falar (e demorou muito) e, depois, aprendeu a ler-e-escrever (demorou mais ainda).

E, mais do que tudo, aprendeu a aprender. E aprendendo a aprender, aprendeu a aprender sem cessar. Pois se o homem puder, ele nunca deixa de estar aprendendo.

E aconteceu que ele aprendeu a pensar e a pensar o seu pensamento. Aprendeu a se pensar pensando. Aprendeu a sentir e a pensar o seu sentimento. Aprendeu a sentir o que pensa e a pensar o que sente.

E foi por causa disto que ele começou a sua vida aqui na Terra andando pelado, comendo cru e vivendo ao relento, e hoje nós nos vestimos de tantas maneiras diferentes, comemos cru, cozido, frito e assado, e construímos casas que

vão de uma cabana de lona a um edifício de 130 andares. E do edifício de 130 andares a uma estação espacial - de um andar só, mas girando lá no alto, muito por cima da Terra.

Conta a lenda de que eu falava linhas lá em cima, que desde quando o homem apareceu na Terra, os bichos do mundo fazem um esforço enorme para a gente ouvir o que eles dizem quando urram, latem ou miam. Para a gente saber ouvir o que eles dizem para nós e o que a gente deveria aprender com o que eles querem os contar.

Cada um do seu jeito, os bichos mis diferentes cantam, dançam, piam e ciciam, zurram e mugem, rosnam e latem, miam, ventam e... silenciam. E eles têm tantos segredos pra contar aos seres humanos!

Eles querem ensinar aos homens a voz do vento, a canção da chuva o segredo do grito do trovão, o silêncio da lua e a dança das nuvens. A poesia do arco-íris e a maravilha de um pôr-do-sol.

Mas os homens ouvem e não entendem... ainda.

E é uma pena, porque os seres humanos sentem, pensam e falam de uma maneira especial, diferente. Os bichos sabem. Mas os homens sabem... e sabem que sabem.

E eles sentem (como os bichos), mas eles sabem sentem, sabem o que sentem (nem sempre), sentem o sabem... e assim por diante, como a gente já viu (ou leu).

E é por isso que é por meio do ser humano que as estrelas podem se pensar como estrelas.

Só que de tanto saber o que os homens aprenderam e foram descobrindo, e ensinando uns aos outros, na pressa de saber tudo eles foram deixando pelo caminho alguns dos segredos mais bonitos e mais importantes de tudo o que há.

De tudo o que existe. De tudo o que vive!

E eles escutam e até gostam muitas vezes de ouvir o som da fala de cada bicho do mundo, principalmente os passarinhos. Gostam de ouvir canção do cair da chuva, a música do vento e o estardalhaço da trovoadas.

Mas eles ouvem, gostam e não compreendem.

E então eles pensam que tudo aquilo são só ruído,

barulho, latidos e pios. Mas atrás daquilo tudo o que tem escondido são outras palavras.

São outras maneiras de dizer o que vale a pena escutar.

Talvez seja por isto que em todos os povos da Terra, mesmo entre os mais diferentes, sempre existem muitas estórias, contos, mitos e lendas sobre “o tempo em que os bichos falavam”.

### ***final do começo***

E tudo o que vai acontecer neste *falatório*, *gestuário*, *cantorio* e *silenciário* aconteceu por causa de tudo isto. Ou quase.

Sim, porque aqui neste nosso *falatório* e *cantorio* você vai ver que os bichos e outros seres da Vida (os que existem e os que tem gente que acha que existem) pensam, falam, cantam e silenciam de modo que o Bicho-Homem entende tudo. Tudo acontece de modo que ele possa entender o que vê e ouve. E de modo que ele faça com que todos os outros entendam o que ele diz, quando ele fala alguma coisa.

Você vai ver que entre todos os seres que aparecem e falam (ou não falam), tem um Velho Índio (ou Índio Velho). Ele é tão velho que faz muito tempo esqueceu quantos anos tem. E de tanto viver e aprender, ele virou um homem muito sábio.

Dizem os outros que ele é um dos únicos bichos-homens que aprenderam a ouvir e entender as conversas dos bichos á muito tempo. E até mesmo de algumas plantas. E o que você vai ler aqui é o que foi escrito de uma estranha conversa de muitas vozes.

O que você vai ler aqui – ou vai mesmo representar com pessoas amigas, se quiserem – e uma longa e estranha conversa comprida que aconteceu dentro de uma ilha.

Isto mesmo! Uma conversa de uma manhã inteira acontecida em cima das areias de uma ilha e na águas de um

rio chamado *São Francisco*. Mas que os índios de antigamente chamavam com um outro nome: *Opará*.

Preste atenção para o seguinte. Aqui os nomes de todos os bichos, das plantas e dos seres da Vida que aparecem, começam com Letra Maiúscula. Da mesma maneira como o seu é escrito assim, e o meu, Carlos, também. Afinal, eles merecem isto tanto quanto nós.

Então imagine um grande rio de águas azuis em julho e cor de barro em janeiro. Um grande que nasce pequenino (como quase tudo no Mundo) e termina no mar a sua viagem, de um tamanho imenso.

Este rio viaja e cresce porque muitos outros rios trazem para ele as suas águas. E de um lugar em diante ele começa a ter algumas ilhas. Ilhas do rio. Algumas até desaparecem quando chove muito e o rio aumenta pra todo lado as suas águas. Outras não.

Então imagine uma dessas ilhas. Coloque nela muita areia do rio, algumas plantas mais rasteiras e até mesmo uma pequena mata de árvores. Vamos ver como ela seria, logo abaixo.

Imagine agora que na praia maior desta ilha foram chegando a nado, caminhando dentro do rio (ele tem agora poucas águas azuis, pois faz tempo não chove) ou mesmo voando pelos ares. Pois ali (como você vai ver logo abaixo) ao lado das plantas da ilha, aos poucos vão chegando peixes, bichos de quatro patas, alguns até de mais, alguns pássaros e alguns outros seres vivos. Alguns são parecidos com você. Outros, menos. Alguns tem gente que jura que existem. Outros que na existem a não ser na fantasia de quem acredita neles e nas crianças. Mas “aqui” eles vão existir.

## **O povo de rio e beira-rio reunido na ilha do rio**

*Aqueles que vão aparecer cantando, falando, gritando, dançando, gesticulando ou apenas silenciando aqui*

***A Alma do Mundo***

***A Terra Mãe***

***A Irmã da Vida***

***O Velho Índio***

***O Homem Branco***

***Os Caboclo d'Água***

***A Mãe d'Água***

***Os bichos do rio*** (como as Tartarugas e os Peixes)

***Os bichos do mato e do cerrado*** (como Anta, Paca, Capivara, Cobra e Veado)

***Os outros bichos***

***Os pássaros*** (como as Araras, os Sabiás, as Saracuras, as Gaivotas)

*E os outros personagens que nem sempre a gente vai ver ou vai ouvir (ou ler). Mas que vão aparecer e se você prestar atenção vai dar para sentir ou mesmo escutar: o vento, a chuva, o raio e o trovão, a noite e o dia, o silêncio do meio dia e outros mais.*

*E não podemos esquecer de nós: Você que agora vê e lê tudo isto. Ou Vocês, se por acaso houver um grupo que esteja vendo e lendo isto em voz alta, ou mesmo fazendo uma representação. E até Nós, que vimos e ouvimos o que aconteceu lá (ou aqui) na ilha do rio. Vimos, ouvimos, e desenhamos e bordamos o que vimos e escrevemos o que ouvimos. E silenciamos o que não escutamos.*

**ato um,**

**cena uma**

*É de madrugada ainda.*

*Aquela hora em que já não é noite e não é dia ainda.*

*O dia mal começa a clarear.*

*É uma daquelas madrugadas meio frias ainda, mas cheias de cores no céu e refletidas nas águas do rio. Pois a noite vai indo embora com o seu escuro pontilhado de estrelas, e antes mesmo de o sol aparecer, ele colore o horizonte com muitas cores: o amarelo, o dourado, o alaranjado e, depois, pouco a pouco, os*

vários tons do azul como o céu e como o rio... quando o rio está azul. O que nem sempre acontece.

A cena do que vai começar a acontecer é numa dessas ilhas de um rio que, como todos os outros, tem um nome. Na verdade, parece que este tem dois. Uma ilha cumprida e quase grande (claro, uma ilha pequenina, se for comparada com a Inglaterra, por exemplo., ou com a Ilha do Marajó!).

É uma ilha rodeada de água por todos os lados (senão, claro, não seria uma ilha) e cercada de praias aqui e ali. Ainda nem bem o dia nasceu, e dá pra ver que por cima a ilha tem muitas partes cobertas de uma areia branca e amarela. Ela tem ainda muitos lugares com algumas plantinhas rasteiras. E tem também algumas árvores de folhas verdes. Na verdade, na ponta dela que aponta pro “rio-abaixo” (o lado pra onde o rio vai descendo a caminho do mar) há uma pequena e bela florestinha de árvores de rio e de cerrado. Devo explicar pra quem não sabe, que “cerrado” é um dos cenários da natureza do Brasil. Assim como mais pra cima temos a caatinga e, mais ainda, a floresta. A Floresta Amazônica.

Quando a noite vai deixando o dia chegar e clarear o mundo, do silêncio que havia antes começa a surgir de todos os lados uma mistura dos barulhos dos muitos bichos que vivem dentro do rio; dos que vivem nas ilhas do rio; dos que vivem na beira-do-rio ou, mais para dentro da terra e longe do rio, dos que vivem os dois lados do rio.

São bichos que vão de pequeninos insetos, como os filhotes de grilos, até as coloridas e barulhentas araras azues e vermelhas que passam aos pares ou em bandos voando sobre as águas do rio. Quando mais o dia vai clareando e a luz quente do sol agora clareia e esquenta tudo, os ruídos do rio e da beira rio vão crescendo muito. Vão crescendo muito.

De repente, quem prestar atenção vai se espantar com uma coisa que não acontece sempre.

Na verdade ela não acontece quase nunca.

Mas, por incrível que pareça, está começando a acontecer justamente agora.

Alguns bichos, ao invés de apenas passarem pela ilha, piando, voando, nadando, correndo, gritando, silenciando, vão chegando pouco a pouco e vão se reunindo bem no lugar onde a ilha forma a sua praia maior e mais comprida.

Os que voam, pousam na areia. Os que nadam, ficam na beirinha do rio, quase já na terra da ilha. Os que andam, vieram andando

*ou nadando da margem do rio para a ilha. Alguns ainda estão secando suas peles, seus pelos, seus pelos ou suas escamas. Tem bicho coberto de todo jeito.*

*E este é quase um momento mágico.*

*Porque o que não costuma acontecer (a não se em outras histórias como esta) está começando a acontecer aqui... e agora.*

*Os bichos que foram chegando na ilha ou que já estavam nela começam a formar um círculo na beira do rio, para que os peixes e outros seres que vivem nas águas dele possam participar do que vai começar a acontecer.*

*Eles aos poucos vão formando um círculo quase completo. Isto é, um círculo redondo com as pessoas que formam a “redondura” dele. Na verdade ele é quase completo, porque ele deixa um pedaço sem bicho algum, sem ninguém. Um lado virado para as pessoas que, como você e mais tanta gente, vieram assistir o que vai começar a acontecer.*

*Logo adiante vocês vão ver e ler os nomes de uma coleção enorme de bichos de rio, de pena, de couro, e de plantas de todo tipo. Mas agora eu posso adiantar que ali estavam reunidos pelo menos: um par de Araras, uma outra Arara que veio voando de muito longe, quatro Papagaios, um Curiango, três Garças brancas, uma Gaivota, uma Saracura e um Urubu.*

*E mais uma Onça (mansa), duas Jaguatiricas, um Ouriço Caixeiro, quatro Preás, uma Anta, duas Capivaras, um Veado Campeiro, um Burro (velho e sábio) e um Bode.*

*E ainda estavam lá alguns bichos de dentro da água: um Surubim, duas tartarugas, dois Dourados, e outros peixes menores.*

*E, vejam vocês! Quando todos os bichos do círculo da ilha já estavam reunidos, foram chegando, de Norte e do Sul, de Leste e do Oeste, outros Seres da Vida (ou Seres Vivos como você e eu, por exemplo).*

*Você pode acreditar que só existem alguns deles, e outros não. Mas em nosso **falatório e cantório** foram chegando e entrando na roda do círculo: um Velho (e sábio) Índio, um Saci, o Caboclo d'Água e a Mãe d'Água (que não é mãe dele).*

*E depois chegaram a Irmã da Vida (que eu mesmo não sei como é, mas sei que existe, inclusive dentro de nós), a Alma do Mundo e a Mãe Terra.*

*Bom. É fácil imaginar que lá estavam também uma infinidade de outros pequenos e até mínimos bichinhos de água e terra, como grilos, joaninhas, formigas e abelhas. E mais os bichos que existem (dentro de nós também) e que a gente só vê com a ajuda*

*de poderosos microscópios. Tudo reunido nisso que de uns tempos para cá a gente chama de “biodiversidade”. Ou seja, a existência no mundo ou num lugar de uma variedade enorme de muitos Seres da Vida diferentes.*

*E você vai ver que de um instante chega um outro personagem da estória. Ele é o Bicho-Homem, ele é o Homem-Branco; De repente aconteceu ali um grande silêncio. O rio, o vento, os bichos, os outros seres, todos estavam e ficaram dentro de um grande silêncio. Até mesmo os papagaios. Em silêncio, como se esperassem alguém ou alguma coisa.*

*E de fato, lá do alto, como quem vem de muito longe, voando e vendo tudo do alto, apareceu lá no “em cima das nuvens do céu” um grande pássaro.*

*E ele veio no seu vôo, como quem vem de muito longe mesmo. E veio lento, voando devagar em círculos cada vez mais baixos, até pousar na areia do rio bem perto de onde todos os outros estavam. Quando ele tomou o seu lugar no círculo, entre as araras e a onça, ele olhou devagarzinho cada um dos outros bichos e seres todos, inclusive você que agora vê e lê o que vai começar a acontecer.*

*E começou assim a falar:*

### ***o Pássaro que Veio de Longe***

Minha gente amiga, eu vim voando e vim vindo no vento. E faz tempo eu venho vindo voando de tão longe!

De tão longe eu venho vindo!

*Mal ele acabou de dizer isto, como quem nem bem está começando a falar alguma coisa importante (afinal ele veio ali de muito longe) e já uma das Tartarugas do círculo na beira do rio interrompeu o Pássaro que Veio de Longe e disse - de-va-ga-ri-nho - mas bem alto, o seguinte:*

### ***Uma das Tartarugas***

Muito bem! Muito bom mesmo!

Ficamos muito felizes de ver você aqui no nosso círculo na beira desta ilha. Mas já que você diz que veio de “tão longe”, e ninguém por aqui sabe o seu nome, será que você poderia dizer como se chama?

E, depois, se não fosse muito trabalho, será que você poderia

dizer pra gente o que é que é... “longe”?

### ***O Pássaro que Veio de Longe***

Sou uma arara. Por causa da cor de minhas penas, os homens me chama: Arara Azul. Os homens gostam de pro nome em tudo!

E como no meu vôo eu me encontrei com outras Araras, acho que aqui nesta roda todo mundo sabe quem ou o que é uma Arara.

Vim de um outro rio, não muito longe deste rio aqui, para quem voa longe e alto como eu. O rio de lá se chama: *Araçuaí*, que na língua dos Homens-Índios de lá, quer dizer: “rio das araras grandes”.

### ***O Velho-Índio***

*Interrompendo com respeito e voz mansa e serena o pássaro Arara Azul.*

Do mesmo modo como a minha gente mais antiga e que foi quem primeiro viveu aqui entre os Seres Humanos, chamou este rio de *Opará*! Vocês sabiam.

### ***A Tartaruga***

Obrigado, amigo Índio. Agora eu sei que vivo dentro de um rio chamado *Opará*.

Muito bem, amiga Arara. Agora que já sabemos o seu nome e de onde você veio. Você poderia fazer o favor de explicar pra gente o que é mesmo... “longe”?

### ***O Pássaro que Veio de Longe (ou Arara Azul)***

Bem... “longe” é de onde eu vim voando. E tem “longe” que é bem mais longe ainda. Podem crer!

Mas eu acho que “longe” é uma dessas coisas, ou medidas, que dependem de cada um. Não é mesmo?

Vou contar pra vocês onde fica o meu “longe”.

Quando eu saí de onde eu vim a lua da noite era o que os homens chamam: Lua Nova. Agora estamos na Lua Cheia (vejam como céu brilhe de luz no meio da noite!) E eu vim

voando (mas só de dia, e parando pra comer e descansar) de lá de onde este rio nasce. Venho vindo de suas primeiras águas.

De quando lá no alto de uma serra ele brota, aparece e começa a correr, pe-que-ni-no, no chão da terra, como um fiozinho, depois, como uma grotinha de água.

Depois, lá em cima da serra ainda, ele um riacho. Ele cresce um pouco e vira um riachinho que de tão pequeno nem se pode imaginar que depois ele vai virar um rio tão enorme de grande como este... *Opará*. Um rio de muitas águas... e de muitas vidas.

O sol se levantou e se pôs e veio a noite e ela foi embora várias vezes antes de eu chegar aqui. Então eu acho que “longe” é lá de onde eu vim vindo voando até aqui.

### ***Uma outra arara (de belas penas vermelhas, lilases e azuis)***

Então você precisa saber, minha irmã Arara Azul, que daqui desta ilha onde nós estamos, até onde o nosso rio *Opará* segue na sua viagem, até chegar em um outro grande-rio-sem-fim (um rio de muitas águas verdes-e-azuis, mas com águas de um estranho gosto salgado) ainda tem muito mais pra voar e viajar do que de onde você veio até aqui. Eu acho que daqui até lá é um “longe” mais longe do que o longe de onde você veio.

Então, o que é mesmo um lugar... “longe”?

### ***Outra Tartaruga***

*Interrompendo a conversa das duas Araras, e como quem está já meio sem paciência*

Eu acho que esta conversa não vai ter fim! Ela vai ser uma longa conversa. E vai... longe!

Então eu quero acabar com ela dizendo pra vocês isto: quando estou dentro das águas deste rio, “longe” é ir nadando desta ilha até uma outra, muito além daqui.

Mas quando estou em cima da areia da ilha, como agora, e preciso caminhar em cima dela, então “longe” é andar da margem logo ali, até aqui onde eu estou.

Isso mostra que cada um tem o seu “longe”. E dá pra ver também que mesmo o “longe” de cada uma de nós pode mudar de um momento pro outra. Não é mesmo?

*E depois ele completa pensativo, como **O Velho Índio***

Eu concordo com você, velha e sábia Tartaruga.

E eu também acho que todo mundo aqui neste lugar vai concordar com você e comigo.

“Longe” não é uma coisa. “Longe” é uma distância, um caminho, uma viagem “daqui até lá”.

Uma viagem que vai de onde você está agora até onde você quer ir. Ou de onde você veio, se você acha que demorou um “longo” tempo para chegar até aqui.

Então cada um e uma de nós deve saber (ou vai descobrir, depois de chegar “lá”) onde está ou que é o seu “longe”. E que sabe do seu “longe”, sabe do seu “perto”. (E se for esperto vai saber até onde fica o seu “nem-longe-e-nem-perto”).

Pois dependendo de muitas coisas, um “longe” de antes pode virar um “perto” de agora. Assim como pode virar um “muito longe” de um momento depois. Não é mesmo?

*se agora estivesse falando pra ele mesmo...*

“Longe” de verdade é o lugar onde a gente quer chegar e sabe que não pode mais...

*Ninguém em volta do círculo na praia da ilha do rio protestou. Ao contrário, cada um a seu modo fez um sinal de que concordava com a fala do Velho Índio, e que aquilo era um assunto resolvido. Assim o assunto acaba e não vai mais... longe.*

**A Arara Azul** (também conhecida aqui como: O Pássaro que Veio de Longe)

Agora que cada um e uma de nós já sabe (ou imagina que

sabe) o que é o seu “longe” e o seu “perto”, eu quero dizer a vocês porque é que eu vim de tão longe... na minha opinião, claro. Porque “de tão longe eu venho vindo” para estar aqui com vocês agora, neste rio de águas azuis (por enquanto), nesta ilha de terra. Pedras e plantas, neste círculo em cima de uma clara areia branca e amarela.

Vejam e me escutem. Eu vim de longe até aqui para falar deste rio. Isso mesmo! Eu vim falar do eu vi no meu longo vôo ao longo deste rio chamado pelo Velho Índio de *Opará*. Rio das águas grandes.

*Ele para. Faz uma pausa. Fica no meio do círculo e volta a falar numa língua que de maneira quase mágica todos os bichos e outros seres entendem, como se ele estivesse falando na língua de cada um. (E isto vai acontecer cada vez que cada um falar!).*

Este rio de águas grandes, rio do meu destino e da vida e do destino de vocês também, durante muito tempo não tinha vocês, bichos e nem mesmo as plantas. Ele corria já por aqui e não tinha ainda nome algum.

As coisas e os seres da vida vivem as suas vidas sem precisar de qualquer nome. Mas depois que vieram os bichos-homem, eles começaram a colocar nome em tudo o que existe. Não é verdade?

### **O Saci**

*Interrompendo e tirando o cachimbo da boca pra falar.*

E nomes até no que muitos deles pensam que não, como eu mesmo, o Caboclo d'Água, a Mãe das Águas e até a Alma o Mundo.

### **A Arara Azul**

Isso mesmo, amigo Saci!

Pois bem. Num tempo depois do tempo primeiro, mas um tempo muito antigo ainda, mas bem depois que já havia por aqui as plantas e os bichos que somos nós e os que vieram e viveram aqui antes de nós, os Homens-Índios que viveram aqui depois de nós, chamaram este rio de águas longas de

*Opará*, como vocês sabem.

E foi só depois, muito, muito depois, que chegaram até na beira deste rio os outros homens. Os Homens-Branco, como eles mesmos gostam de se chamar. E são eles que agora estão aqui e ali, por toda a parte. E eles vieram mudando o nome de tudo.

E foi quando os primeiros deles começaram a chamar este nosso rio de *São Francisco*. Mas agora nem é isto mesmo o que importa...

Porque não foi só o nome do nosso rio *Opará* que eles mudaram não. Foi tudo. Porque o Homem-Branco é de todos eles o que mais gosta de sair por aí mudando o nome, o rosto, o jeito e tudo o mais de tudo o que ele encontra.

### ***Um dos Pássaros do círculo***

A nossa raça de passarinhos sabe muito bem o que é isto, quando voa e vai vendo florestas de uma planta toda igual e sem fruto algum em lugar do que antes eram florestas e florestas com as mais diferentes árvores, com as mais diversas flores e frutos.

### ***A Arara Azul***

*Retomando de onde estava.*

E mais tantas outras coisas que foram mudadas e desmudadas por toda a parte, irmão Sabiá.

Pois este rio, como eu disse antes, ele nasce noites e dias de bater as asas longe daqui. Molhei as penas das minhas asas nas primeiras gotinhas dele. Lembra quando eu contei a vocês? Um primeiro fio de águas claras. Um fiozinho de orvalho correndo no chão do Sul. Depois, adiante um pouco, vi do alto e de perto que ele recebe o som de outras agüinhas no alto da serra. E então, de repente, imaginem que dá um vôo de véu de espuma e rola serra abaixo, num lugar que o Homem-Branco chamou de *Cachoeira Casca D'Antas*.

*Sussurrando em voz mais baixa e olhando pros lados, meio desconfiado.*

Um bicho estranho esse Bicho-Homem-Branco. Ele existe por

toda a parte. Não voa, não faz ninho, não tem penas e, às vezes, nem tem pena. Digo de novo: ele gosta muito de dar nome pra tudo. E ele gosta mesmo é de mudar o jeito de ser de tudo o que existe: planta, água, bicho, ele mesmo e o mundo.

Ele nasceu com a mania de mudar tudo o que é, no que não é, pra tudo ficar sendo como ele acha que devia ser.

Pois então, meus amigos, meus irmãos... de tão longe eu venho vindo! De tão longe!

Voei por cima deste rio muitos dias debaixo do sol.

Voei águas e praias, noites e beiras, barrancos e até algumas chuvas. Tardes de sol vivo e restos de matas nas duas beiras. Voei o silêncio triste de terras sem matas e matas sem árvores. E voei no vento de julho no cerrado do sertão de Minas.

*Ele para e faz como quem lembra alguma coisa. Como quem pensa o que vai seguir dizendo. E diz:*

E quando eu for embora daqui, ainda quero voar mais por cima das águas grandes deste rio. Quero voar daqui até o fim-do-rio. Até onde alguns de vocês acho que sabem que ele... longe.

Tão longe daqui! Quero voar outros sertões, terras quentes e secas de caatingas pra onde este rio desce as suas águas.

Quero voar sobre águas e terras, e até sobre as casas e as cidades dos homens que ficam na beira dos dois lados deste rio.

Dizem que mais adiante, longe daqui há os lugares sem fim, onde uma margem das águas não avista a outra. Lugares de águas presas... tristes águas de represas que os homens inventam pra fazer a luz das suas casas. Estranhas as luzes que os homens gostam de acender quando a calma da noite desce sobre o mundo

E agora eu quero contar pra vocês o que foi que lá do alto eu vi.

Mas antes disto tudo eu quero começar lembrando com vocês o que é que houve por toda a parte aqui, num tempo

em que tinha de tudo dentro das águas e nas terras em volta deste rio.

Nos tempos em que por toda a parte havia, existia e tinha...

*O Pássaro que Veio de Longe se volta para os seres do círculo abre as duas asas e faz como se fosse começar uma longa narrativa.*

*Mas, antes dele começar a falar ou a cantar, acontece uma coisa inesperada.*

*Nossa Arara Azul é interrompida por vários bichos e outros seres do círculo na ilha. E eles começam em coro a cantarem juntos um cantório curioso. E por quê? Veja e leia você mesmo, ou você mesma (e, se puder, entre no cantório e cante também!)*

### **O coro dos Bichos e outros Seres da Vida**

Tinha de tudo, não tinha?

Naquele tempo que havia  
e se foi. e não há mais!

Tinha tudo o que era vivo  
que era vivo e revivia,  
que revivia e existia  
e da Vida fez a vida  
como o rio da água faz  
sua casa e seu caminho!

E a vida se alegrava  
criando mais vida ainda  
entre cerrado e sertão  
nos dois lados deste rio!  
O que houve e havia de vida  
um dia foi indo embora  
quando veio quem não havia  
num tempo em que a Vida  
por toda a parte nascia  
em todo o canto vivia  
em todo o canto existia!

Até quando um dia veio  
o Bicho-Homem-de-Longe

e resolveu que pra haver  
o que ele, o homem, queria  
era preciso morrer  
tanta coisa que existia...

E agora muda de tom  
Este nosso cantorio.  
Pois vamos cantar agora  
Pra você e todo mundo  
O que antes dele é que havia  
entre os lados deste rio,  
e o que é que existia antes  
entre as plantas deste mundo,  
e entre as margens deste rio.

*A Arara Azul ouve tudo atenta e de boca (ou melhor, de bico) aberta. Então ela se anima e faz que vai retomar a sua fala e seguir contando e cantando.*

*Mas o animado (e nem sempre afinado) coral de todos os Bichos e Seres segue em frente.*

*E esta é uma primeira longa série de nomes de Seres da vida do mundo do Sertão do São Francisco e de outro cantos e recantos do Brasil.*

*Nesta parte toda, que vai ser muito parecida com outras que virão mais adiante, todos que querem entram no cantorio do jeito como sabem. Eles falam, gritam, contam e cantam. Alguns até preferem ficar em silêncio. Ou porque não fazem com as bocas ruído algum, como os peixes e as tartarugas, ou porque preferem ficar apenas ouvindo e prestando atenção*

Mata, mato e mataria  
sertão, cerrado, caatinga  
ilha, barranco e vazante  
campo, chapada e vereda  
terra baixa e serraria  
debaixo de chuva e seca  
brisa mansa e ventania  
céu de sol e tempestade,  
vamos cantar o que havia  
de Sergipe a Pernambuco,  
de Minas Gerais à Bahia.

Tinha Angico e Buriti  
 Sucupira e Ingazeiro  
 Vaqueta, Caixeta e Oiti  
 Carnaúba e Cajueiro  
 Gonçalo Alves e Umbu  
 Cabeça de Negro, Pitomba  
 Unha de Gato e Jurema  
 Siriguela e Araticum!

Tinha o que tinha e crescia  
 nas duas margens do rio.  
 Noves-fora, tinha muito  
 e agora quase nenhum.

Sabonete de Macaco  
 Cagaita e Oiricuri  
 o Pau D'Arco e o Pau d'Óleo  
 Tamarindo e Juazeiro  
 Caraíba e Imbaúba  
 Capitão, Mandacaru  
 Coroa de Frade, Mangueira  
 Jaqueira, Abio, Carambola  
 a Pitomba, a Fruta-Pão  
 Barriguda, Jabuticaba  
 Pitanga, Puçá, Jambolão.

Tanta fruta, Tanta vida!  
 Beira-vida... beira-rio  
 Planta nova ou já crescida  
 em todo canto que havia  
 ali, acolá e aqui!

Assa-Peixe e Macambira  
 Amansa Vaqueira e Pequi

Maminha de Porca e Amora  
 Flor de Cigana e Embira  
 Gabiroba, Sabugueiro  
 Cajazeira e Umburana  
 Pau-Bosta, Cedro e Favela  
 Jambo, Matumba e Murici.  
 A Quixaba, o Amarelinho  
 com sua flor amarela  
 Caruru e Jatobá  
 Pindaíba e Pajeú  
 Tamboril e Pau-Pereira  
 o Pau-Jacaré e o Araçá  
 Mangue, Peroba e Embu.  
 O Pau Ferro e a Jurema  
 Jequitibá e o Pé de Ipê  
 que flore ouro no outono  
 e flore mais quatro cores  
 A Mangaba e a Guariroba.  
 O Jacarandá e o Baru!

***Os bichos de quatro pernas cantando juntos e sem os outros***

Dos dois lados desse rio  
 havia um mundo de verde  
 pra se viver, pra se amar  
 pra se comer, pra se ver  
 e agora, sobrou... o quê?

Cantamos o que lembramos  
 Cantamos o que havia  
 Entre sertão e cerrado  
 nos dois lados deste rio.  
 Se você lembrar de mais,  
 se você souber de outros  
 por favor, conta pra gente!  
 e agora canta... você!

*Eles se voltam todos afinal para a Arara Azul que ouvia tudo atenta, mas com muito a vontade de chegar a sua vez. E chegou!*

*Diante do convite cantado pelos bichos de quatro pernas (ou patas) o Pássaro que Veio de Longe se anima muito.*

*Após ouvir o longo falatório-poemário-cantório dos Bichos e outros Seres da vida, ele resolve começar a sua parte, antes que a bicharada do círculo na areia da ilha retome o coral desordenado e ele fique sem falar o que veio de tão longe dizer.*

### ***A Arara Azul***

E os bichos de bico e pena,  
os bichos de asa e vôo,  
de ovo e ninho, como eu,  
o quê é que já houve aqui  
até faz tão pouco tempo  
e quase já não tem mais,  
e já quase desapareceu?

*E a Arara Azul começa um canto com o nome dos pássaros de que ela se lembra. Será que você seria capaz de lembrar de algum que ela não sabe... ou esqueceu?*

Papa-Capim Caga-Sebo  
Saíra-de-Sete-Cores  
Alma-de-Gato, Canarinho  
Manuelzinho-da-Coroa  
o João-Congo e o Sanhaço  
Pinhé, Curiango e Anu  
Graúna, Bico de Lacre  
Coração-de-Boi, Colerinho  
Martim-Pescador e Nhambu.

Arapacu e Socó  
a Viuvinha e a Freirinha  
Papa-Mosca e Bem-Te-Vi  
Tucano, Garça, e Socó  
Tiê-Sangue e Periquito

João-de-Barro e Maritaca  
Arara de tantas cores  
(mais do que eu, vejam só)  
o Papagaio e a Jandaia  
João-da-Noite Mãe-da-Mata  
Inhuma, Pardal, Chrororó.

Passo-Preto e Seriema  
Caturrita e Bacurau  
Pomba-do-Bando e Jaú  
Tiziu, Saracura e Ema  
Tesourinha e pica-pau  
a Peitica e o Peixe-Frito  
Caburé Sofrê e Urutau  
a Coruja-Buraqueira  
Quero-Quero e Beija-Flor  
(que outros chamam Colibri)  
Fogo-Apagou, Gralha Azul  
Asa-de-Anjo e Biguá  
Gavião Pinhé, Inhambu  
Maritaca, Irerê e Sabiá  
(e havia tantos aqui!)  
Águia Real e Urubu.

O Garrincha e o Trinca-Ferro  
Calafetai e a Cegonha  
(que nem é ave daqui)  
Andorinha e Patativa  
frango, Tico-Tico  
Pomba-do-Campo e do Mato  
Fogo-Apagou e Juriti.

Maracanã e Matraca  
e o Falcão Quiriquiri  
a Cambaxirra e o Fim-Fim  
Pula-Pula e Pia-Cobra  
a Juru viana e a Codorna

a Limpa-Casa e o Quenquém  
 Grafiteiro e Maluquinho  
 o Carcará e o Chacuru  
 Marido-é-Dia e Chupim.

o Gente-de-Fora-Evém  
 Gaturamo e Gurinhatã  
 o Tangará e o Asa-Branca  
 Vira-Bosta, Tucanuçu  
 o João Congo o Guaxo  
 (que pra alguns é a mesma ave),  
 (coisa que eu também acho)  
 Cochicho, Curió e Cancã.

### ***A Mãe-das-Águas***

*Ela sai das águas com o corpo ainda molhado e um vestido branco feito de espuma. Ela mais fala do que canta. E fala sentida.*

Quem sabe lembrar de outro modo,  
 com os mesmos nomes e outros  
 dos bichos de canto e pena  
 de vôo, de ovo e de ninho  
 dos que eu lembro e esqueci  
 que andavam nesses caminhos  
 e voavam por aqui?

Quem relembra com outro canto  
 outros tantos passarinhos  
 que vivem aqui ou longe,  
 nas beiras de um outro rio?  
 Quem reconta e canta agora  
 com um outro novo cantório  
 o povo que houve e havia  
 e a gente não sabe agora  
 se ainda vive nessa terra  
 e ainda voa sobre o rio?

***O coral agora formado só de Pássaros***

Minha irmã e Mãe das Águas,  
Escute o nosso cantar:  
houve um tempo - e era ontem,  
e foi ontem e quase agora:

Cada ave com suas cores,  
cada cor com o seu pássaro  
e no céu do *São Francisco*  
(também chamado *Opará*)  
as águas verdes-e-azuis  
quando mansas refletiam  
toda a aquarela que há:

O amarelo e o vermelho  
cor de sangue, cor de amora  
o verde, o marrom e o lilás  
o violeta o cinza e o ocre  
o azul do céu e o laranja,  
cor de água, céu e mar.  
O branco e seu irmão preto,  
cor de missa e romaria  
cor de cobre, prata e ouro  
cor da noite, cor do dia  
cor de fogo e fogaréu.

Cor do quente e cor do frio  
cor do que houve e não há,  
cor do que já teve e havia  
dos dois lados da corrente  
das barrancas deste rio.  
Cor de semente e alegria  
voando no ar da Vida,  
brilhando no chão do céu.

***os Pássaros todos do círculo junto com o Caboclo D'Água e***

***desta vez até com a Arara Azul***

*Os pássaros retomam mais ou menos os nomes dos bichos de pena e vô cantados antes. E mais animados (e agora afinados) do que antes, eles começam a cantar com uma outra toada diferente a lista dos mesmos e outros nomes de pássaros e passarinhos. Cantam na mesma e em outra ordem. Isso provoca nas duas tartarugas um certo ar de cansaço, do tipo “eu já ouvi esta estória”...*

Manuelzinho da Coroa  
Sangue de Boi e Azulão  
João-Congo e Patativa  
Pato Jandaia e Gavião.  
Martim Pescador e Ariri  
Cancã de Fogo e Gaivota  
Asa Branca e Colerê  
Sanhaço Pardal Paturi.

a Coruja e o Curiango  
Tucano, Tesoura e Anu  
Guaxo, Bigodinho e Tié  
Codorna, Periquito e Arara  
Melro e o Gavião Pinhé  
João-de-Barro, Finca-Finca  
Garça Parda e Urubu.

Cambaxirra e Passo-Preto  
o Marreco e o Sofrê  
o Peixe-Frito e o Vem-Vem  
Perdiz, Gavião da Serra  
(e outros tipos de Gavião)  
Pato Cisne e Irerê  
Curicaca e Colheirinha  
Fogo-Pagô Beija-Flor  
João-Tolo e Pintassilgo  
Vem-Vem Tiziu, Andorinha  
Gavião Pombo e Pavão.

Sáira-de-Sete-Cores  
 o Curió e a Rolinha  
 Mergulhão e Saracura  
 Jaburu, Jaó e Sabiá  
 Maria Preta e Jacu  
 Maria Besta e Azulão  
 Garça Branca e Zabelê  
 Frango d'Água e Carcará.

### ***A Arara Azul***

*Agora falando sozinha pra todos escutarem*

Desses tantos eu vi poucos  
 e de alguns, ainda menos,  
 e de outros... nunca vi  
 por toda a parte onde andei.

E os bichos de quatro patas?  
 e os que caminham no chão?  
 Quem sabe o que existia  
 nessas beiradas de rio?  
 Nesses mundos de sertão?

### ***os Bichos de Quatro Patas, em coro***

*Eles tomam conta do cantório muito animados, juntando os bichos de patas e pernas, como a Capivara, os de patas baixas, como o Tatu e os que caminham se arrastando pelo chão, como a Cobra. Não são de modo algum tão afinados como os Bichos de Pena e Vôo, mas sabem contar e cantar.*

Vamos lembrar só um tanto  
 do tanto de bichos de pata,  
 de couro, de pelo e de pele  
 que já houve por aqui,  
 e os poucos que ainda há  
 e caminham pelo chão  
 entre a caatinga e o cerrado,  
 entre o cerrado e o sertão.

Onça Preta, Tatu Peba  
 e outras raças de Tatu.  
 Cobra de todo o tipo:  
 Jararaca e Urutu  
 Cascavel e Caninana  
 Coral e Jaracuçu.

O Calango e o Lagarto  
 Veado do Mato e do Campo  
 (que gosta de comer flor).  
 (debaixo do pé de Pequi).  
 Anta, Paca e Capivara  
 Mocó, Queixada e Teiú.  
 Macaco Preggo e Cotia  
 Raposa e Lobo Guará  
 Mico-Leão e Guariba  
 o guaxinim e o Preá  
 Bicho Preguiça e Sagüi.

Esquilo e Jaguatirica  
 Camaleão, Lagartixa  
 Ouriço-caixeiro e Gambá.  
 Gato e Cachorro-do-Mato  
 Raposão Tamanduá  
 a Ariranha e a Lontra  
 Papa-mel, Jaratataca  
 O Mico-Estrela e o Sauá.  
 Peixe-Boi e Jacaré-Tinga  
 E outros de rabo que há  
 E que de uns tempos pra cá  
 Já houve e quase não há!

### ***Um Surubim***

*Este grande e belo peixe do rio São Francisco salta das águas do rio e, para espanto de todos, porque peixe não faz barulho algum com a boca (mas que aqui fala igual como os outros) com a cabeça fora da água do rio diz isto:*

Quem é que me conta agora  
cantando sozinho ou em coro  
da vida que havia antes  
dentro dessas águas claras  
deste rio de *São Francisco*  
de cujas águas saí?

Quem sabe os nomes da gente  
de couro, de pele e escama  
que em outros tempo da vida  
dentro do rio existia  
e vivia e nadava aqui?

***O Caboclo d'Água, Mãe d'Água e o coro dos peixes***

*Respondendo em um inesperado coral. Cantando como os outros antes,  
mas com outra música e outro ritmo, próprio de quem vive dentro d'água.*

A Pescada e a Pirambeba  
a Piapara e o Pacu  
vivendo feliz da vida  
entre o verde e o azul do rio,  
de noite, tarde e manhã.  
Cobra-d'Água, Jacaré  
Tartaruga e Sarapó  
Curimatá, Matrinchá.

E mais o Dourado Cachorra  
e os outros dourados do rio  
a família dos Piau:  
Piau-Jejo, Piau de Cheiro  
Piau Cavalo e Cari  
Rapadura, Pacomã  
Piau Cavalo e Surubim  
o Molão e o Tracajá

Congó, Pescada e Mandim.

O rio fervia de gente,  
pois peixe é o povo do rio.  
Um povo que foi minguando  
Que foi sumindo e sumindo  
que foi pra onde? Quem sabe?  
E agora quase sumiu...

*Os peixes mergulham de novo dentro das águas do rio e há um momento de silêncio. Só se escuta, prestando atenção com os ouvidos, o ruído manso das águas do rio São Francisco.*

### **A Mãe Terra**

Agora que nós contamos e cantamos lá no começo os nomes das árvores e de outras plantas, e também os nomes dos bichos que andam, que nadam e que voam, eu vou cantar e contar pra vocês os nomes das mesmas e de outras plantas que nascem de dentro de mim: a terra.

Ou plantas da Vida que forma um dia sementes e que brotam de dentro da terra da Terra. E crescem e dão folhas, e frutos e frutas, e de novo... sementes.

E é delas que os Bichos e o até Bicho-Homem comem. Algumas eles gostam de comer ou beber o suco quando estão doentes. Outras são as ervas que se come ou que dão gosto bom no que é comido. Ouçam só:

*E a Mãe-Terra começa a dizer cantando mais outros nomes de plantas que saem de dentro dela. Alguns Seres da Vida em volta do círculo na ilha vão entrando no cantório. E, assim, no final dele quase todo mundo está dizendo e cantando esses nomes:*

Malva, Sávia e Maravilha,  
a Salsa, o Louro e a Lavanda  
Sete-Sangria e Artemísia  
Cravo, Congonha e Tomilho  
Mama-Cadela e Espelina  
O Angico, o Alho e o Endro

O Confrei e o Caiubim  
Cipó-Cururu e Arruda  
Inhame e Verde-Pombinha  
O Corefócio e a Carqueja  
Erva-Cidreira e Roxinha.

O Cominho e o Araticum  
Quina, Tinguí e Azedinha  
Urucum, Urtiga e Aneto  
Erva-doce e Douradinha  
O Capim Corobobó  
Comani e Mangericão  
Borago, Hortelã, Babosa  
Erva-de-Tiú e Limão.

Cravo da Índia e Cebola  
Erva-de-Passarinho  
Coentro e Erva-Tostão  
Curare, Mate e Mastúrcio  
Pequi e Arroz-com-Feijão.  
Salsaparrilha e Macela  
Fitolaca e Camomila  
Erva-mate e Madressilva  
Cataúba e Catuaba  
Cevada, Gerânio e Rosa  
A Manjerona e a Mangaba

Alfavaca e Alfazema  
Erva-de-Santa-Luzia  
Orégano e a Alfazema  
A Hortelã e a Pimenta  
A Segurelha e o Alecrim  
O Araçá e a Goiaba  
Ora-pro-Nobis e Poejo  
A Tanchagem e a pimenta.

Lembramos o que há e havia

e se formos lembrar tudo  
essa lista não tem fim!

***Todos os seres vivos da ilha no rio, inclusive o Velho-Índio***

*Menos o Homem-Branco, que ainda vai aparecer... é só esperar!*

*Pela primeira vez, todos os seres se tocam e, depois, formam uma dupla fila ondulante. Uma curiosa fila de bichos e seres que se tocam e se move, como se a fila fosse o próprio rio. Todos juntos, os seres e Bichos, vão se deslocando pela ilha ou dentro das águas do rio, lentamente, enquanto cantam a “Canção do São Francisco” (ver no final como é que se canta ela, junto com outras músicas e cantos que falam da Vida e do amor que devemos ter pelos seus Seres).*

***o coro dos Seres da Vida***

São Francisco, Franciscano  
Ah, meu rio! Ah, meu irmão!  
Suas águas vão levando  
O rio do meu coração.

São Francisco, Franciscano  
Ah, meu rio! Ah, meu amor!  
Suas águas vão levando  
minha vida, meu vapor.

São Francisco, rio diverso  
Ora largo, ora fino  
Suas águas vão lavando  
Minha vida, meu destino.

Seu soubesse escrever mesmo  
Tudo certo, sem defeito,  
Ah, meu rio, eu te escrevia  
No caderno do meu peito.

O Pacu, a Piapara  
 Matrinchã e Surubim  
 Um rio desses tão bonito  
 Não pode morrer assim!

A Piapara e o Pacu  
 Surubim e Matrinchã  
 Um rio desses tão bonito  
 Tem que ter seu amanhã.

*Quando os Seres e Bichos do rio e dos matos terminam a Canção do São Francisco, eles caminham ou nadam lentamente. E então voltam ao círculo que formam juntos, entre as águas e a margem da ilha do rio.*

*Alguns ficam de pé, outros, sentam, outros se encolhem, outros se deitam de um modo ou de outro.*

*Então podemos ouvir agora alguns sons da natureza: águas do rio, vento, chuva, pios de pássaros misturados com os muitos sons dos outros bichos. Depois todos os ruídos vão diminuindo aos poucos, até haver na ilha um completo silêncio.*

*De repente um outro Ser da Vida vem chegando lentamente, bem devagar, como se não soubesse se deveria estar ali naquele lugar.*

*Ele vem como quem sai do outro lado do rio e caminha até o círculo onde estão todos os outros que falaram, calaram ou cantaram até aqui.*

*Ele olha os seus Seres, imóveis. E eles olham para ele... Com curiosidade, com medo e com um pouco de desconfiança.*

*Então ele descobre a cabeça de um longo manto escuro que ainda lhe cobria todo resto do corpo, até o chão.*

*E, sozinho, começa a falar.*

*Ele é o Bicho-Homem-branco, que costuma se chamar de... “homem civilizado”.*

### **o Homem-Branco**

Será que eu preciso dizer quem eu sou? Será que eu preciso?  
 Acho que todos aqui me conhecem. Uns mais de perto,  
 outros de mais longe. Mas, será que eu mesmo me conheço?  
 Será?

Eu sou o Homem. O Bicho-Homem, como vocês gostam de dizer. Sou o Ser Humano.

Quer dizer... eu acho que sou o que eu mesmo chamo “Ser

Humano”. Mas de vez em quando eu faço coisa que me fazem duvidar de que eu seja mesmo... humano.

O Bicho-Homem é um só. A gente acabou sendo os seres de uma espécie só.

Diferente de vocês, os macacos, nossos parentes mais chegados aqui na Terra. Vocês são uma gente de muitas espécies. Macacos grandes e pequenos, macacos com rabo e sem rabo. Enfim, sendo todos “macacos”, cada espécie pode ser bem diferente da outra. Deve ser por isso que inventaram esse dito: “cada macaco no seu galho”.

*Ele ri do que falou. Alguns macacos do círculo também riem. Mas os macacos não acham graça nenhuma. E ele continua.*

Mas sendo uma gente só e só a mesma, o Homem foi ficando diferente uns dos outros por causa de mínimas coisas. E só por causa delas fizemos tantas coisas erradas. E acho que fazemos até hoje...

Bem, e por causa de algumas delas, como a cor clara da minha pele, eu fiquei sendo conhecido como o “Homem Branco”...

### ***O Velho índio***

*interrompendo o Homem Branco*

E eu fiquei sendo o “Pele Vermelha”, fiquei sendo o “Indígena”, fiquei sendo o “Índio”. Mas não foi por causa só por causa da cor de minha pele não...

### ***O Homem Branco***

Pois o que eu venho contar pra vocês aconteceu assim.

Depois que muitos de vocês já tinham surgido aqui no Planeta Terra, eu apareci. E fiquei sendo o Homem. E, entre os homens, eu acabei sendo o Homem Branco. Meu povo gosta de se chamar de “Homem Civilizado”, vocês já sabem. É que nos pensamos muito, falamos muito, fazemos muito, viajamos muito, conquistamos muito... o que antes de foi outros. De outros bichos ou de outros homens. Mudamos

muita coisa em todos os cantos do Planeta Terra até onde nos chegamos. E nós chegamos em todos eles.

Transformamos tudo por causa de nossa idéia de que o que esta como esta não pode ficar como era. Isso que a gente do meu povo chama de... progresso.

Tudo isso começou faz muito tempo. Faz um tempo que o próprio tempo gostaria de esquecer de contar. As pra não ficar o dia inteiro aqui contando esta história pra vocês, eu vou saltar no tempo e lembrar só de um pouco do que aconteceu por aqui.

### ***Um dos macacos***

*Muito aliviado*

Ainda bem!

Porque Bicho-Homem quando começa a contar a história dele parece que não acaba mais.

Homem-Índio ainda vai, porque ele conta belas estórias lá do povo deles.

Mas o Homem-Branco, quando começa não para mais...

### ***O Homem-Branco***

*Retomando a fala e fazendo como se nem tivesse escutado o macaco falar*

O que aconteceu aqui - e continua acontecendo - cada vez mais, começou a acontecer logo depois que os primeiros homens de minha gente chegaram nas terras dos dois lados deste grande rio.

Vocês sabem melhor do que eu que foi num tempo quando...

*Ele se volta para os Seres do círculo, vai até eles lentamente, olha-os por um momento e se volta pra você, que está lendo isto agora.*

Quando eu cheguei neste lugar, aqui nas barrancas deste rio de águas grandes, os mais antigos de vocês já estavam por aqui.

Voavam pelos céus.

Corriam pelas matas e pelos cerrados sem cercas e sem

nomes, até os fundos dos ocios desses sertões sem dono.  
 Nadavam nas águas livres deste rio de todos.  
 E essas águas grandes, livres de muros e de barreiras,  
 vinham da nascente muito longe daqui até chegarem no  
 Grande Mar, bem mais longe ainda.

### **O Velho-Índio**

*Interrompendo sério, mas com voz clara, mansa e amiga.*

Foi quando meu povo já vivia aqui e a sua gente ainda não  
 tinha chegado aqui.

Todos os seres existiam por aqui e ali, vivendo juntos a sua  
 liberdade.

E a Vida de tudo floria na vida de cada Ser da Vida.

Todas as plantas, as ervinhas, as flores, as árvores, os  
 arbustos, as sementes.

Todos os bichos: os que moram dentro das frutas, dentro das  
 árvores, dentro da terra, dentro das águas do rio, dentro das  
 matas, nos ares do mundo, nos mares da vida... nas águas do  
 rio de todos.

Já depois das plantas e dos bichos os Homens-Índios existiam  
 aqui e ali, nas beiras e mais longe das margens deste rio.

E viviam dele e de tudo o que é vivo ao redor dessas águas  
 grandes. E de tudo o que havia tiravam só o pouquinho que  
 precisavam para viver cada dia de suas vidas.

### **O Homem-Branco**

*Retomando a sua fala (mas vocês vão ver que ele vai ser interrompido  
 logo no começo).*

Então, foi quando eu apareci! Foi quando...

### **o Caboclo d'Água**

*Ele dá um salto do seu lugar no círculo, fica ao lado, bem junto do  
 Homem-Branco, olha para ele cheio de interrogâncias e diz bem alto!*

Foi quando todo por aqui começou a “des-acontecer”!

### ***o Velho Índio***

*Ele se levanta e volta a ficar de pé, e chega perto do Homem-Branco e do Caboclo d'Água e fala assim:*

Foi mesmo assim. A gente antiga do meu povo conta que quando o Homem-Branco chegou, em pouco tempo tudo o que havia e acontecia bem devagar, cada coisa no seu momento e dentro da sua estação do ano, começou de repente a acontecer depressa, muito depressa!

Primeiro veio o tempo em que o sol nascia na mesma hora a cada tempo do ano, e na mesma hora ele se punha pra vir a noite com as suas estrelas.

Primeiro vinha o tempo das chuvas quando era o tempo das chuvas. Chovia muito e o rio crescia.

Depois vinha o tempo da seca. Vinha a seca no cerrado e o rio minguava como agora as suas águas. Mas no ano inteiro eles estavam aí: limpas e cheias de vida. Azuis ou cor da terra, correndo entre as duas margens cercadas de muitas florestas de grandes árvores.

E cheias de lagoas de águas calmas, aonde todo o tipo de peixe vinha fazer nascerem os seus filhotes.

As águas do *Opará* nunca tinham fim, e tudo o que era vivo nele e perto dele continuava a viver dele e da Mãe Terra.

Vinha o tempo de cada fruta aparecer e madurar. E vinha a hora do que tinha de morrer, morrer, para dar o seu lugar a alguém que estava esperando pra nascer.

E tudo o que sempre houve, continuou vivendo no seu lugar e no seu tempo.

### ***Um outro macaco***

*Interrompendo e completando.*

Mas tudo o que pode mudar, pouco a pouco ou bem depressa o Homem-Branco começou a fazer mudar...

### ***A Terra Mãe***

*Começando a falar de-va-ga-ri-nho, com um grande e triste suspiro...*

E foi mesmo.

E foi assim. Porque, antes de tudo por aqui começar a des-acontecer tudo o que havia no Mundo por aqui era uma só mesma Vida. Uma mesma vida vivendo o seu viver em cada Ser da Vida, com um e com muitos nomes, muitos corpos e rostos, e muitas maneiras diferentes de se ser e viver.

Uma mesma Vida diferente em mil milhares de seres nos ares, nas águas e na terra.

E o nome de cada um era a cor de seu vôo.

Era o som de seu pêlo.

Era o pio de seu canto.

Era a fome de seu corpo e o amor que cada um tinha por um outro alguém.

Num tempo antes do Homem-Branco parece que uma mesma fonte de Vida cobria a Vida e descobria a Morte de cada um.

### ***O velho índio***

*Retomando a sua fala triste.*

E antes de tudo começar a des-acontecer, este rio que foi tão livre por tanto tempo, o nosso rio *Opará*, olha só como é que ele ficou?

Agora ele é um rio ficando triste. Parece que ele rola as suas águas chorando a sua dor.

Um rio com as águas presas em represas. Um rio de águas limpas que vão ficando sujas. Um rio da Vida que vê dentro dele e perto dele a Vida morrendo e indo embora.

Um rio de beiras sem eiras que era um longo rio de águas grandes.

O nosso rio *Opará*!

### ***O coro dos bichos do cerrado***

Nosso rio de águas grandes,

Pra onde foi que ele foi?

Onde foi que ele ficou?

O que quê havia e acabou?

Onde é que ele foi parar?

Um outro rio que havia aqui  
e ainda corre, mas outro  
de tão mexido e tão morto!  
O grande rio de águas claras,  
O *São Francisco... Opará?*

### ***A Mãe das Águas***

Ele nascia pequenino no alto de uma serra e vinha empurrando as águas e multiplicando a Vida dentro e fora do seu caminho de águas. Viajava terras sem nome. Terras sem cercas e sem placas, até ficar grande como um rio sem fim. Um largo rio de vida livre, até chegar ao Grande Mar.

### ***O Bicho-Homem***

Mas tudo isso que aconteceu quando tudo começou a desacontecer por aqui, não começou assim tão de repente! Não é mesmo?

Pois eu mesmo, no começo de quem eu fui, eu fui um Bicho-Homem quase mais bicho do que homem. Eu até nem tinha nome.

Acho que num tempo antes eu fui peixe entre os bichos do chão, fui pássaro entre os peixes, e fui peixe entre as aves.

Fui planta, fui semente e semeava vida, como todos, por toda a parte. Meus primeiros nomes eram: “flor-da-manhã”, “fonte-das-águas”, “pássaro-azul”, “peixe-vermelho”.

### ***O Velho-Índio***

*Interrompendo, com a voz calma e pausada como sempre.*

Isso mesmo, Homem-Branco. Aquele foi no tempo muito antes, quando no mundo inteiro só havia gente do jeito índio como eu.

Um bando pequeno de pouca gente por todo lado, pouco a pouco povoando o mundo inteiro. Mas uma gente sem muitos recursos, como você tem agora.

Uma gente que vivia dentro da natureza e parecia conviver em paz com ela.

Quando sua gente de pele-branca e longas barbas apareceu por aqui, no lugar que vocês começaram a chamar de “América” e neste lugar que vocês começaram a chamar de “Brasil” toda a Gente-Homem que havia por aqui era o povo da pele vermelha como eu sou.

### ***O Homem-Branco***

*Ele retoma a fala dele, concordando com o Velho-Indio.*

Tudo o que você falou e bem verdade. Eu fui uma gente que durante muitos e muitos anos viveu mais em harmonia com o mundo da a natureza.

Foi só a pouco que eu comecei a desaprender. Foi quando a minha gente começou a imaginar que poderia conquistar o Mundo inteiro. Que seria bom a gente tomar conta das outras gentes. Derrubar as florestas. Matar e domar os bichos do Mundo. Tomar conta da terra dos outros e começar a mandar-nos outros povos.

Minha gente começou a sonhar acordada que valia a pena ir por aí e pouco a pouco tomar conta do Mundo.

Foi quando começamos a pensar que tudo o que existe de Vida e de vivo aqui na Terra, existia só pra servir a nos. Tudo: o ar e a água, a terra e os frutos da terra. As plantas e os animais.

Foi quando a minha gente antiga foi perdendo o sonho de ser. Isso mesmo. De simplesmente ser e viver. E ela foi sonhando com a vontade de ter. De mudar tudo, de transformar o que existe de vivo em uma coisa que depois de seca, depois de morta a gente pode levar pra casa. E juntar muito de tudo. E possuir as coisas do Mundo, sem limite. De acumular sem conta, pra se sentir forte, rico e feliz.

E foi quando descobrimos o desejo do poder. Aprendemos a querer o poder. A mandar nos outros e a comandar o Mundo.

E essa é até agora a nossa grande ilusão...

### ***A alma do Mundo***

*Completando o que o Homem-Branco queria pensar e dizer, mas não conseguia.*

Só que para tudo isso começar a acontecer, aconteceu que você foi deixando de um ser irmão de você mesmo.

Foi quando muita gente de sua gente foi esquecendo de ser um *irmão do universo* para virar um *senhor do mundo*.

Eu lembro bem. No começo de vocês aqui na Terra a sua gente vivia do que a terra da Terra dava de graça. E ela primeiro achou tudo isto muito bom.

E muitos de vocês ainda acham. Ainda bem!

Mas muitos outros, desde tempos antigos, bem antigos, começaram a achar que para ser um Ser Humano era melhor viver na guerra do que em paz. Viver conquistando e mudando, ao invés de viver comungando e preservando. Viver para ter mais e mais, mesmo que para isto sua gente acabe sendo menos e menos.

Tanto que muita gente de sua gente gasta a sua vida fazendo de tudo para conquistar... tudo isso. Gente que estuda muito (e estudar e aprender a saber sempre é bom).

Gente que trabalha além da conta para ter cada vez mais coisas. Para aumentar mais e mais aquilo que vocês Homens chama de “minhas riquezas”. Sem saber que há mais ouro para todos nas cores de um pôr-do-sol do que num colar feito com o ouro da terra.

Foi quando muitos de vocês começaram a esquecer que quase tudo o que existe de melhor do Mundo e de melhor da Vida... existe de graça. Existe como o ar, como a água, como a amizade e como o amor.

### ***O Caboclo d'Água***

*Com a ar e o jeito debochado de sempre.*

Pois é! E daí veio tudo!

Veio o nome dos rios e um nome pra cada coisa.

Veio o montão de números pra dizer o que é de cada quem.

E veio a cerca de arame farpado.

E veio o muro de pedra.  
 E veio o guarda na porta.  
 Veio o desejo da posse.  
 Veio o machado de aço,  
 Veio a máquina de arar  
 e depois a moto-serra.  
 Os lagos de águas paradas  
 onde antes um rio fluía  
 e navegava e descia  
 no seu caminho pro mar.

### ***O Saci***

Antes também se plantava,  
 se pescava e se colhia.  
 Mas era pra alimentar da fome  
 da gente que aqui havia.  
 Agora se planta sem conta  
 o eucalipto e a soja  
 e o que mais a terra dá:  
 uva, melão, melancia  
 e outras frutas de longe,  
 pra se levar pra mais longe  
 pra dar comida de luxo  
 a quem não sabe o que é roça  
 nem nunca veio por vá.

***O Índio-Velho*** (também chamado de *Velho-Índio*, não esquecer)

Enquanto o povo de quem eu venho já desapareceu ou anda  
 minguado por aí. Enquanto quase toda a gente das barrancas  
 do rio pena de fome.  
 E mais a areia da terra jogada dentro do rio. O rio secando e  
 morrendo de sede.  
 As matas morrendo de fome.  
 O deserto do verde igual dos eucaliptos,

onde antes havia o verde de todas as cores no corpo de todas as plantas.

Pra quê?

Pra quem?

Por quê?

*E aqui começa uma conversa comprida de todo mundo. E nela vão falando o Homem-Branco e vários dentre os outros Bichos e os outros Seres.*

*O Homem-Branco fica no meio Seres da Vida que se aproximam em pequenos círculos ou em pequenos amontoados de gentes ao redor, uns mais longe, outros mais perto do Homem-Branco.*

### **O Homem-Branco**

E então veio comigo...

### **A Terra Mãe**

o fogo, a fumaça, a queimada

### **A Mãe d'Água**

A desavença, a cobiça.

O boi onde havia gente.

A derrubada das árvores

que seca e mata o meu corpo

e deixa o Mundo sem vida.

### **O Velho-Indio**

O pesticida, o veneno.

A floresta derrubada.

a floresta devastada,

e a vida que aqui havia

virou “vida-quase-nada”!

### **a Alma do Mundo**

Veio o trator e o facão

a barragem e a represa.

Veio usina e o esgoto

o lixo e a poluição!

***o Homem-Branco***

E então veio comigo?

***o coro dos peixes***

o anzol, a rede, a pesca  
que primeiro deu comida  
pra gente deste sertão.  
E depois virou dinheiro  
virou maldade e matança.  
Virou riqueza e ambição.

***O Homem-Branco***

E então veio comigo...

***O coro dos bichos***

A armadilha, a espingarda,  
a vida vivida às pressas  
o homem em luta com tudo  
um homem contra outro homem  
onde eram todos irmãos.  
A cerca e a desigualdade  
dinheiro em lugar da vida  
deserto onde foi sertão.

***o Homem-Branco***

O que foi que eu vim fazer?  
O que foi eu que fiz aqui  
Dos dois lados deste rio?  
Que foi que eu fiz, afinal?  
Eu quis ser bom... fui ruim!  
Eu quis ser o bem ... fiz o mal.  
Quis ser irmão ... fui senhor.  
Eu vim pra trazer progresso  
deixei no caminho o amor.

Deixei o amor no caminho  
E inventei foi o quê  
Com o que eu trouxe pra este rio?  
Falei de paz, fiz promessa  
Cumpri o quê, do que disse?

Menino que eu fui um dia,  
eu vim da alma da Terra  
como vocês, meus irmãos.  
Cresci, virei esta fera.  
Deixei a terra sem vida.  
Deixei vereda sem água.  
Deixei este rio sem alma,  
Eu que sonhei outro mundo:  
O outro mundo que eu sonhei!  
O que foi que eu fiz do mundo  
O que e que eu, homem, criei?

***o coro de todos os seres***

E essa agora é a nossa herança:  
Uma terra sem vida e água  
Uma água mais seca e triste.  
Essa agora é nossa a herança:  
esse rio sem alma e vida  
essa mata sem seu verde,  
o campo sem flor e fruto,  
sem Mangaba, sem Baru  
sem Pequi, sem Buriti.

Essa terra que foi vida  
transformada em chão arado.  
O cerrado sem mais nada  
do que antes houve aqui,  
num tempo que foi passado  
entre os mundos do sertão.

O sertão de nossos pais  
transformado no deserto  
que os homens de longe chamam  
“investimento” e “progresso”,  
e o nome é... destruição.

*Todos voltam ao círculo original, tomam as posições imóveis, anteriores, as luzes vão diminuindo sobre todos. O Homem-Branco, de pé, recobre todo o corpo e a cabeça com seu manto escuro e por algum tempo fica imóvel também.*

*Depois de um breve momento de silêncio e escuro, vemos uma luz que cai sobre quatro figuras femininas: Mãe D'Água, Terra Mãe, Irmã da Vida e Alma do Mundo. Elas, antes ficaram imóveis também, de pé, formando um amplo quadro a volta do círculo dos Seres da Vida, simbolizando também os Quatro Elementos.*

*Agora elas começam a se mover lentamente, em direção ao imóvel e cabisbaixo Homem-Branco. Na passagem, duas delas recolhem do chão o longo pano azul ou verde.*

*Ao chegarem junto do Homem-Branco elas retiram de seu corpo o pano escuro que cobria ele.*

*Ele aos poucos ergue a cabeça e vai olhando de-va-ga-ri-nho para cada uma delas.*

*Elas cobrem o Homem-Branco com o manto azul ou verde, deixando só a cabeça dele de fora.*

*Durante todo este tempo ouve-se de novo, primeiro baixinho e de pois ficando mais alta, a “Canção do São Francisco” em solo de flauta doce e de uma violinha caipira*

*A música vai decrescendo e fica baixinha, tocando no fundo, quando a Terra Mãe começa a falar.*

### **A Terra Mãe**

Vejo a morte em toda a parte,  
mas eu mesma não morri.  
Nem vocês, minhas irmãs  
e agora estamos aqui:  
a Alma do Mundo, a Mãe d'Água  
a Irmã da Vida e a Mãe Terra.

Por onde passo vejo a morte  
e eu ando por toda a parte.

Mas entre a morte que vejo  
eu vejo a Vida que arde  
no coração do cerrado!

Mesmo sendo agora menos  
Todos os Seres da Vida  
guardam a minha semente:  
as plantas, os bichos da terra,  
os seres do ar e os do rio.  
O Índio e o Homem-Branco...  
estamos vivos e aqui.

o que já há e o que há de ser  
depende de nós, agora.  
Estamos vivos, e aqui!  
E se nós estamos aqui  
é porque a Vida está viva,  
e enquanto há vida na Vida  
Tudo pode acontecer.

### ***A Mãe D'Água***

Até mesmo o que um dia  
deu pra “des-acontecer”!  
Até o que parecia  
que ia desaparecer.  
E se está vivo, e aqui  
é porque pode renascer.

### ***A Irmã da Vida***

É verdade. É bem verdade!  
(e se não for, fica sendo!)  
Vejam só e vejam todos:

*E a Irmã da Vida caminha ao redor do círculo na ilha apontando cada um, cada uma. E depois para no meio do círculo e diz assim:*

Estamos todas aqui!  
 A Vida não acabou.  
 Pobre, triste, devastada  
 ao longo do rio amado  
 a Vida ainda está viva!  
 e enquanto há Vida no Mundo  
 há esperança na Terra!  
 A Vida... somos nós todas  
 pulsando dentro do Rio  
 crescendo dentro da terra  
 vivendo dentro de nós!

*Todos os Seres da Vida que estavam deitados, acorados ou sentados vão ficando de pé, cada um à sua maneira. Eles se achegam, vão se tocando, fiando bem perto uns dos outros. Vão formando um círculo mais apertado de várias gentes mais juntas.*

*Caminham para perto do Homem-Branco e cantam de novo, começando baixinho, a “Canção do São Francisco”, acompanhados de flauta, caixa e viola.*

*E se você quiser, pode entrar e ir lá na ilha e entrar no círculo também!*

### ***o coro dos seres***

São Francisco, franciscano  
 Ah, meu rio! Ah, meu irmão!  
 suas águas vão levando  
 o rio do meu coração.

São Francisco, franciscano  
 Ah, meu rio! Ah, meu amor!  
 suas águas vão levando  
 minha vida, meu vapor.

São Francisco, franciscano  
 rio da vida, rio menino  
 suas águas vão levando  
 minha vida, meu destino!

***A Mãe d'Água***

E enquanto houver vida  
há também a esperança.  
Todo mundo sabe disso  
mas não basta só saber.  
Pois só é sábio o sabido  
que sabe que é bom saber  
o saber muda em nós  
nosso sentir e fazer!

Quando ele muda na gente  
a cabeça e o coração,  
pra se juntar com os outros  
e fazer o que é ainda é vivo:  
ser mais vivo e renascer  
entre sertão e cerrado  
entre cerrado e sertão!

***a Alma do Mundo***

Tudo o que eu sou ainda pulsa  
em tudo o que ainda vive.  
em cada uma de nós:  
na Flor, na Água e no Ar  
na Terra, nos Bichos, nos Homens.  
Em tudo o que vive em nós!

Ainda há tempo!  
Sempre é tempo!  
Vamos juntar nossas vidas  
Mentes, gestos, corações  
e recriar outras Vidas  
dos dois lados deste Rio  
nas beiras do rio amado  
entre veredas, vertentes

caatingas e vales verdes  
chapadas e chapadões!

Vida sempre renascida.  
Vida! Vida! Vida! Vida!  
Vida livre! Vida Inteira!  
Vida viva! Viva Vida  
de um verde-reverdecido  
em um mundo recriado!

### ***A Mãe das Águas***

*Ele sai do lugar em que estava, dentro do rio São Francisco, e rodeia o círculo pelo lado de fora com passos lentos. E canta isto:*

Olha aí, oh minha gente!  
Pra mim e pra todos nós!  
Tudo o que nasceu somente  
existe porque é semente  
sempre pronta a renascer.

O que é semeado um dia  
pode num outro voltar:  
pra casa viva da Vida  
pras águas vivas do rio,  
pra Alma viva do Mundo  
pra terra viva da Terra  
pra uma Terra... renascida!

Mesmo o que está morrendo  
(escuta isso, meu povo)  
como este rio São Francisco

pode ser vivo outra vez.  
 Pode renascer pra vida  
 e pode ser de novo... de novo!

*Neste momento, o som da flauta e da viola da “Canção do São Francisco” aumenta um pouco.*

*Todos os Seres do círculo, e mesmo o Homem-Branco todo coberto de azul ou verde, começam a se mover com alegria, apontando para si mesmos, para os outros seres da Vida e para você que está lendo ou representando com amigos este cantório, dizendo, e gritando alternadamente, em solo, em duplas, ou todos do coro.*

***todos os seres (e você também)***

E se tudo depende de nós,  
 então tudo depende de mim.

Depende de mim!

Depende de nós!

De cada um!

De todos nós!

De cada uma!

De todas nós!

De todos nós!

Até que esse “nós”

de tanto ser tantos

não tenha mais fim!

*Os Seres da Vida vão acabando, cada um na sua vez, de falar, de cantar e até de gritar tudo isto, como numa festa, numa dança, ou numa cantoria. Eles se aproximam do Bicho-Homem e dos Seres Femininos da Vida. Dão as mãos uns aos outros, uma às outras, formando uma enorme Lua Nova na praia do rio.*

***a Alma do Mundo***

Que a força de minha alma esteja em tudo!

Que ela esteja em cada uma de nós.

Em cada Ser da Vida deste rio,

deste Rio das Águas Grandes

deste Rio de São Francisco.  
 Que a Vida renasça em tudo outra vez!  
 Que cada grão de cada Ser da Vida  
 deixe na terra a sua semente de Vida!  
 E que o amor de tudo esteja em todos  
 e não se acabe aqui e agora  
 entre as águas deste rio de todas nós!

### **a Irmã da Vida**

*Ela se volta para o Homem-Branco, que assiste a tudo, mudo e imóvel.  
 Toca com carinho no seu ombro.*

E você, Homem-Branco, nosso medo,  
 e nosso outro, nosso temor, nosso irmão:  
 Recorde outra vez sua origem  
 (por tanto esquecida!)  
 aqui na Terra, faz tempo...  
 e venha a ser com a gente  
 menos morte e mais semente  
 menos o “dono de tudo”  
 e mais um “Irmão da Vida”!

### **O Homem-Branco**

*Ele se volta para todos os seres do círculo e caminha lento entre eles.  
 Toca alguns com a mão direita, no ombro, no rosto, no peito, como se  
 estivesse aprendendo a pela primeira vezo eu sempre viu e quase nunca  
 conheceu.*

*Depois, ele se volta-se ora para eles, ora para você.*

Que eu seja de novo um “Irmão da Vida”?  
 Que eu seja para sempre um “Irmão da Vida”!  
 Que eu volte à origem da Vida de onde eu vim  
 e eu aprenda com ela a renascer.  
 E que eu volte a ser, como vocês,  
 minhas irmãs, meus irmãos:  
 parte das águas claras,  
 parte do ar cristalino,

parte da terra fértil,  
um elo do amor de tudo,  
e alma da fonte da vida

***o coro de todos os seres***

Você pode ser um de nós!  
Venha ser de novo com a gente!  
Você pode ser um Ser da Vida.  
Esqueça de ser o Senhor do Mundo  
e volte a ser um Irmão do Universo!  
Comece aqui, Irmão-Homem:  
Aqui, nesse Rio de São Francisco!  
Semeie de novo o arvoredo do verde  
na pureza das muitas águas claras  
e na diversidade feliz de todos nós:  
os bichos da terra, do ar e da água.  
Venha, Irmão-Homem.  
Ainda há tempo! Sempre é tempo!  
Agora e aqui!  
Todos juntos na beira deste ...

***O Homem-Branco***

*Interrompendo no finalzinho o Coro dos Seres, e seguindo na mesma toada do Coro dos Bichos, que voltam a cantar a “Canção do São Francisco”, baixinho, em segundo plano, enquanto o Bicho-Homem fala... ou canta.*

... Rio São Francisco. Opará, meu rio da Vida!  
Rio que eu nem via... e agora eu amo.  
Rio das águas claras. Rio das Águas Grandes.  
Rio dos peixes, dos pássaros e dos bichos.  
Rio da vida devolvida à Vida!  
Meu Rio São Francisco, Rio de meu amor!  
São Francisco, meu destino!

***O Coro de Todos os Seres da Vida***

*Cantando lindo, enquanto o Homem-Branco continua cantando ou falando e depois de ele terminar o que está aí em cima, quando ele se*

*une ao coro e canta também com todos os Seres da Vida*

São Francisco, franciscano  
Ah, meu Rio, ah meu irmão!  
Sua águas vão lavando  
o rio do meu coração.

São Francisco, franciscano  
Ah, meu Rio de meu amor  
suas águas vão levando  
minha vida, meu amor.

São Francisco, rio diverso  
ora largo, ora fino  
suas águas vão tocando  
minha vida, meu destino.

O Pacu, a Piapara  
Matrinchã e Surubim  
Um rio deste tão bonito  
não pode morrer assim.

A Piapara, o Pacu  
Surubim e Matrinchã  
Um rio deste, tanta vida  
tem de ter seu amanhã.

Seu eu pudesse escrever n'água  
Bem certinho, sem defeito  
São Francisco eu te escrevia  
No caderno do meu peito.

*Outras quadras podem ser improvisadas. Experimente!*

*Todos os seres da vida formam uma longa linha ondulante ou duas linhas, como um rio que navega sem fim, livre e feliz, enquanto dizem, ou cantam.*

***O Coro de Todos, inclusive o Homem-branco, agora o Irmão-Branco***

Minha gente! Aqui e agora  
 Venham todos! Venham todas!  
 Venham ouvir o que eu aprendi  
 Sempre é tempo! Sempre há vida!  
 Todos nós e todas juntas:  
 Céu e Terra, Água e Vida  
 Planta e Bicho, e Bicho-Homem  
 neste Rio de São Francisco  
 Rio da Vida, Rio de todos  
 Rio das águas, águas grandes  
 águas claras, águas livres.  
 Rio dos Bichos, rio das Plantas.  
 Rio da Gente, Rio da Vida.

*E tudo termina com um cantório, falatório, gestuário e silenciário e algazarra geral.*

*Todos saem de si e se abraçam.*

*Há uma alegria sem limite.*

*De repente, cada um do seu modo, alguns e vários Seres do Círculo da Ilha do São Francisco começam a cantar sozinhos, aos pares, em grupos, todo mundo junto, versos e frases de vários momentos do que foi lido, falado ou cantado no começo e no de tudo o que foi escrito aqui.*

*E é mais ou menos assim:*

Sucupira e Ingazeiro  
 Vaqueta, Angico e Oiti  
 e agora quase nenhum.  
 Sabonete de Macaco  
 Cagaita e Oiricuri  
 Assa-Peixe e Macambira  
 Amansa Vaqueira, Pequi

Maminha de Porca e Amora  
Flor de Cigana e Embira  
Jambo, Cedro e Murici  
Jacarandá e o Abio.  
João Congo e Patativa  
Martim Pescador e Ariri  
Cancão de Fogo e Gaivota  
Asa Branca e Colerê  
Sanhaço, Codorna, Paturi  
João-Tolo, Pintassilgo  
Vem-Vem, Tiziu, Andorinha  
Sáira-de-Sete-Cores  
o Curió e a Rolinha  
Coração-de-boi, Colerinho  
Martim-Pescador e Nhambu  
Arapacu e Socó  
a Viuvinha e a Freirinha  
Papa-Mosca e Bem-Te-Vi  
Malva, Sávia e Maravilha,  
a Salsa, o Louro e a Lavanda  
Sete-Sangria e Artemísia  
Cravo, Congonha e Tomilho  
Mama-Cadela e Espelina  
O Angico, o Alho e o Endro  
O Confrei e o Caiubim  
Camaleão, Lagartixa  
Lobo e Ouriço-Caixeiro  
Raposa, Cachorro-do-Mato  
Lontra e Jaguatirica  
Piau-Jejo, Piau de Cheiro  
Piau Cavallo e Cari  
Pomba-do-Campo e do Mato  
Fogo-Apagou e Juriti  
Maracanã e Matraca  
e o Falcão Quiriquiri  
a Cambaxirra e o Fim-Fim  
Pula-Pula e Pia-Cobra

Marido-é-Dia e Chupim  
 Rapadura, Pacomã  
 Piau Cavallo e Surubim  
 o Molão a Tartaruga  
 Congó, Pescada e Mandim!

*Esta parte é uma alegria e uma misturada só. Nem precisa ser na ordem que está aqui. Pode ser lido ou dito de qualquer maneira, em qualquer ordem. E quem souber outros nomes de plantas e de bichos, podem colocar no meio. E vai estar tudo bem!*

*E, de forma surpreendente, enquanto se canta e se abraça e se festeja a Vida. Ouve-se, num crescendo muito forte, uma voz que vem de longe e chega perto, dizendo ou cantando em alto e bom som, partes do Cântico das Criaturas escrito há muito tempo mesmo por Francisco de Assis. O mesmo homem que não queria ser dono de nada e acabou dando o seu nome ao Rio São Francisco.*

*Esta parte pode ser lida, falada ou cantada. Ou não. Depende de cada quem...*

Louvado sejas, meu Senhor  
 com todas as tuas criaturas  
 especialmente o senhor Irmão Sol  
 que clareia o dia  
 e com a sua luz nos alumia.

Louvado sejas, meu Senhor,  
 pela Irmã Lua e as Estrelas,  
 que no Céu formastes claras  
 e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,  
 pelo irmão vento  
 pelo ar, ou nublado  
 ou sereno, e todo o tempo  
 pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,

pela Irmã Água,  
que é muito útil e humilde  
e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,  
pelo Irmão Fogo  
pelo qual iluminas a noite  
e ele é belo e fecundo  
e vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,  
por nossa Irmã Terra,  
que nos sustenta e governa  
e produz frutos diversos  
e coloridas flores e ervas.

*E aqui acaba a nossa lenda ou a nossa peça.  
E aqui recomeça a vida.*

**FIM**  
**ou**  
**O COMEÇO DE TUDO**

